Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Em terreno movediço. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa

Márcia de Almeida Gonçalves

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Elias Thomé Saliba

339 f.
-80. 2012

São Paulo
2003

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

Comentar as obras e as idéias dos pais fundadores de uma biografia renovada, quiçá moderna, animou outros a uma reflexão mais detalhada, centrada na comparação de estilos e metodologias de autores como Lytton Strachey, Emil Ludwig e André Maurois. Esse foi o caso do ensaio de Edgard Cavalheiro, publicado em 1943, intitulado *Biografias e Biógrafos*[45]. Como mencionamos no capítulo anterior, o pequeno livro fora analisado por Álvaro Lins, em artigo do rodapé literário do *Correio da Manhã*, tendo sido objeto de considerações sobre o *fenômeno da criação* na biografia. Cavalheiro era também autor de biografias bem recebidas pela crítica, como foi o caso de seu *Fagundes Varela*, elogiado pelas considerações de Sérgio Buarque de Holanda.

No seu *Biografias e Biógrafos*, Edgard Cavalheiro partia da constatação de que, nos anos de 1937 e 1938, tanto na Inglaterra quanto no Brasil, havia ocorrido uma proliferação significativa de textos biográficos. A primeira indagação do autor referiu-se aos motivos que pudessem explicar *o porquê desse absorvente recuo ao passado, dessa inquieta ressurreição dos mortos e, sobretudo, da indiscutível preferência do grande público pelos estudos biográficos*[46]. Na enumeração dos motivos, o autor misturou seus argumentos ao de outros, nem sempre lhes conferindo os créditos devidos. Assim o *boom* de biografias poderia ser associado ao *declínio do valor humano dentro da sociedade moderna, onde o indivíduo isolado cada vez mais desaparecia na massa popular*. Nas biografias, alguns encontrariam uma compensadora reconstituição crítica e histórica de grandes personagens *que ultrapassaram as medidas normais da espécie*. De alguma forma, o retorno à vida de *intelectualidades empolgantes* representaria também *a tentativa desesperada de salvar o ideal ameaçado do individualismo*[47]. Cavalheiro, nesse sentido, pontuava o gosto por biografias como algo derivado da necessidade de valorizar o papel dos agenciamentos individuais, em tempos de emergência de massas e multidões populares.

Fazendo suas palavras alheias, Cavalheiro acrescentou a essas motivações outras que, particularmente, gostaríamos de destacar:

---

[45] Edgard Cavalheiro. *Biografias e Biógrafos*. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Guaíra Limitada, 1943. Coleção Caderno Azul.

[46] Idem, p.11.

> *(...) a febre de reviver ambientes ou figuras do passado traz, em si, simplesmente a necessidade insopitável de exteriorizar pensamentos, trabalhar idéias, de certa forma peadas por fatores políticos, numa fuga angustiada dos tempos presentes. Nessa fuga dos tempos presentes, vai muito da tragédia do intelectual diante dos problemas contemporâneos, problemas que, na maioria das vezes nem sequer pode comentar, quanto mais analisar.*[48]

Interessante reter o quanto Cavalheiro destacava a importância das angústias de intelectuais do seu tempo presente como um elemento propulsor da escrita de biografias, vistas, de certa forma, como um meio de expressão e mais, como fuga e evasão, estratégia possível para explicitar idéias e valores em crise, naquele momento. De certa forma, fazer viver certos indivíduos, por meio da escrita biográfica, valorizando suas ações e idéias, era criar um canal por onde o biógrafo pudesse, entre outros aspectos, louvar a liberdade, o indivíduo e outros princípios deslocados pelos ventos autoritários que sopraram sobre terras européias e americanas, em especial, na década de 1930.

Secundando Viana Moog, desta feita, para carregar nas cores de uma sensação de impotência desesperada, Edgard Cavalheiro complementava seus argumentos afirmando que:

> *(...) os biógrafos constituem, a partir de Plutarco, a grande paixão das épocas em que determinado tipo de civilização está prestes a corromper-se (...). Chega-se a ter a impressão de que os escritores pressentindo que a decadência é já fatal e talvez irremediável, já não se preocupam com outra coisa que não seja fazer o inventário dos grandes nomes de uma cultura em pleno naufrágio.*[49]

Tristão de Ataíde também foi mencionado em suas já anteriormente citadas apreciações sobre uma epidemia biográfica. Desse autor, Edgard Cavalheiro destacou a associação entre o sucesso das biografias e a *nossa moderna sedução pela verdade, pelas coisas concretas, por tudo que representasse um reflexo do ser*. Segundo Cavalheiro, entre ceticismos e avaliações sobre a modernidade em curso, todas essas ponderações seriam pertinentes para elaboração de uma tentativa de explicar o *boom* de biografias. Cada uma

---

[47] Idem, pp. 11-12.
[48] Idem, p. 12.
[49] Idem, p. 12.

delas, com suas peculiaridades, endossava a perspectiva de que, na busca de vidas alheias e de trajetórias dos homens do passado, alguma resposta para os impasses do tempo presente pudesse vir a ser encontrada. Essa assunção, ao fim, conduziu Edgard Cavalheiro à conclusão de que a melhor maneira de compreender as motivações da expansão da biografia seria verificar como ela estava sendo praticada naquele momento, 1943.

A discussão sobre o fazer biográfico, na dimensão de um método de produção de conhecimentos sobre homens e épocas, voltava à baila. Denotava a preocupação e os esforços de alguns intelectuais de evidenciar uma técnica, suas marcas e idiossincrasias, na medida de uma renovação que deveria dignificar as narrativas biográficas, inserindo-as no conjunto de investidas de decifração da dita realidade nacional.

Na impossibilidade de esquadrinhar tantos autores e obras do gênero biográfico, Cavalheiro recorreu aos mestres referendados pela consagração de público e de crítica: Strachey, Ludwig e Maurois. Esses, mais do que quaisquer outros, haviam transformado a biografia em um documento humano, na dupla dimensão de mensagem espiritual e de reconstituição de épocas e ambientes do passado[50].

Cavalheiro decidiu, contudo, dedicar algumas páginas introdutórias à análise de aspectos da obra do Plutarco, esse sim, o mestre fundador de um fazer biográfico inspirador do que então se qualificava como biografia moderna. Em capítulo intitulado *Plutarco – O pai da biografia*, Cavalheiro valorizou a relevância de grandes biógrafos da antigüidade – Suetônio, Cornélio e sobretudo Plutarco – lamentando, contudo, a falta de registros que viabilizassem recuperar suas trajetórias de vida, restando apenas, como materiais de análise, o que foi preservado como obra.

Plutarco, o autor de *Vidas Paralelas*, era apontado como o criador de um gênero literário que já havia atingido, segundo Edgard Cavalheiro, um grau de evolução suficientemente elevado para justificar estudos e ensaios. Numa referência a seu próprio trabalho, Cavalheiro parecia querer validar, entre seus argumentos, o lugar de uma reflexão epistemológica sobre biografias e biógrafos.

A importância das *Vidas Paralelas* de Plutarco era, em parte, devido à vulgarização de seus escritos e, mais, devido à sua utilização nas meditadas leituras de Montaigne, nas inspirações de Shakespeare ou por serem admirados por Rousseau. Segundo Cavalheiro,

[50] Idem, pp. 12-13.

Plutarco teria sido *seguro como retratista, preciso como historiador*, e serviria, *havia quase dois mil anos, de receita para tantos quantos se infiltrassem pelo gênero biográfico*[51]. Teria se dedicado, no fudamental, à conduta política de seus biografados, adotando um método pautado na comparação e no confronto entre personagens díspares e, por fim, realizando a composição de um mosaico de virtudes e defeitos em choque e em complementaridade. Edgard Cavalheiro encontrava em Plutarco um hábil e arguto psicólogo, aquele que humanizava seus heróis e, ao fazê-lo, demonstrava a compreensão profunda do caráter humano e um sólido conhecimento do meio em que suas vidas paralelas transcorreram.

Críticas superficiais e pouco fundamentadas, segundo Cavalheiro, teriam exagerado as intenções moralizadoras das biografias de Plutarco. Aprender com as vidas dignas e com as vidas indignas, um dos ensinamentos de Plutarco, seria apenas um dos aspectos pedagógicos de suas biografias, posto que nelas, a exaltação do belo necessitaria do conhecimento do feio.

A lição de Plutarco, em tudo valorizada por Edgard Cavalheiro, teria sido subaproveitada pelos pósteros. A menos importante, no seu entender, a intenção moralizadora, tornara-se, infelizmente, o prato de resistência de biógrafos interessados na louvação sem limites e sem o mínimo sentido crítico e histórico. Nas biografias posteriores a Plutarco teriam predominado histórias de santos, mártires ou reis sem a devida humanidade. Somente a partir do século XVIII e no século XIX, com Carlyle, Emerson, Stirner, Macaulay, Michelet e outros, o gênero biográfico voltou a adquirir vitalidade e alma, já presentes nas *Vidas Paralelas* de Plutarco[52].

O ponto de corte nessa narrativa de marchas e contramarchas de uma pequena história do gênero biográfico foi delegado a Lytton Strachey, identificado por Edgard Cavalleiro como o precursor da biografia moderna, aquele que, em suas obras, havia conseguido que *o biografado deixavasse de ser simples e amorfa figura histórica para se transformar num ser humano, com todos os defeitos e virtudes dos seres de carne e osso*[53]. Para além disso, Strachey nos foi apresentado como o crítico ferrenho e mordaz de um estilo de fazer biografia predominante na Inglaterra vitoriana. Para enfatizar esse aspecto e ilustrar o tom afiado e irônico das impressões do próprio Strachey, Edgard Cavalheiro fez suas as palavras do escritor inglês:

---

[51] Idem, p. 20.
[52] Idem, pp.21-27.
[53] Idem, p. 27.

> *Quem não conhece esses dois grossos volumes com sua massa de material mal digeridos, o estilo descuidado, um tom de morno panegírico, uma lamentável ausência de escolha, de desprendimento e de construção, com os quais costumamos honrar os nossos mortos? São nos tão familiares como o cortejo das pompas fúnebres e trazem todos o mesmo ar de lenta e lúgubre barbárie. Perguntamo-nos, muitas vezes, se eles também não são obras de pompas fúnebres e o último artigo do seu contrate.*[54]

Edgar Cavalheiro misturou suas apreciações às informações sobre as obras de Strachey. A que inaugurou sua notoriedade e sua crítica aguçada contra "biografias vitorianas" foi *Eminent Vitorians*, publicada em 1918. Como biografia e como relato histórico o livro foi duplamente impactante. Os textos biográficos que predominaram no século XIX tiveram a forma de *verdadeiros relatórios, insípitos e sem graça, destinados a meia dúzia de pacientes leitores*. Não tratavam da vida íntima, da realidade social, dos defeitos inerentes a todos os indivíduos, ignoravam o homem doméstico, priorizando apenas o homem público, por vezes o desumanizavam, divinizando-o. Além disso, o período vitoriano ainda era tabu para os historiadores da época; tratavam-no com demasiado respeito, à distância, evitando detalhes, em tom de *morno panegírico*[55].

Para Edgard Cavalheiro, Lytton Strachey retirou a história do domínio puramente científico, concebendo-a de uma tal maneira que suas narrativas pudessem usufruir de uma forma mais artística, em lugar da simples e monótona acumulação de feitos e datas. Valendo-se das palavras de Strachey, Edgar Cavalheiro transcreveu citação, utilizada por André Maurois, e anteriormente comentada, onde o autor inglês, ao defender a concepção da história como arte, abusava da imagem de que ovos, manteiga, sal e temperos não eram uma omelete[56].

Lyttton Strachey, sem o saber, abriu caminho para um gênero que iria fazer a glória e a fortuna de muitos autores, permitindo também, segundo Edgard Cavalheiro, *a ressurreição de inúmeros mortos sepultados pela lousa comum e pelos vastos calhamaços com que procuravam honra-los*[57]. A obra que mais do que qualquer outra consagrou Strachey como o

[54] Idem, p. 31.
[55] Idem, pp. 32-34.
[56] Idem, p. 35.
[57] Idem, p. 36.

renovador dos métodos biográficos foi *Rainha Vitória*, publicada em 1921. Nesse livro, segundo Cavalheiro, Strachey

> *Tomando o leitor pela mão e levando-o ao passado, entre uma agudíssima observação e uma nota do mais fino humor, como um cicerone que fosse ao mesmo tempo admirável "causeur", ele consegue o milagre de fazer o leitor, neste ano de 1941, nesta cidade de São Paulo, ou em qualquer outra cidade de qualquer país, ele consegue, dizíamos, o milagre de fazer o leitor participar, comovidamente, da triste viuvez da grande Rainha, ou dos aborrecimentos de seu consorte, rainha ou príncipe que estiveram sempre tão distantes das nossas cogitações.*[58]

A humanização de personagens notáveis, a possibilidade de tratá-los como seres de carne e osso, com virtudes e defeitos, por meio de uma prosa colorida e movimentada, era a marca mais expressiva da biografia de Strachey. Edgard Cavalheiro não escondia seu entusiasmo ao compreender, como uma espécie de milagre, a possibilidade do leitor, *em qualquer outra cidade de qualquer país*, vir a comover-se com a sofrimento da rainha inglesa.

As considerações finais de Edgard Cavalheiro sobre a obra de Strachey levaram-no a afirmar a paixão pela pesquisa e pelo documento original, como características não menos importantes do método biográfico do autor inglês. Assim, as investidas mais contumazes de Strachey contra uma certa concepção de história como ciência, não implicaram no desprezo pela pesquisa documental. Segundo Cavalheiro, Strachey procurou demonstrar que o consórcio da história com a arte e a vida seria bem mais lógico e aceitável do que o consórcio da história com a ciência. Essa seria uma das grandes contribuições do autor inglês para a renovação do método biográfico. Lição seguida por muitos, nem sempre de forma satisfatória, posto que alguns não conseguiram, com o mesmo brilhantismo, redigir biografias realizadoras da união entre o romance e a história[59].

Em especial, nesse último argumento de Cavalheiro sobre a relevância da obra de Strachey, podemos compreender melhor os senões de Álvaro Lins, comentados no capítulo anterior, acerca dos pontos de vista do autor de *Fagundes Varela* sobre a renovação do gênero biográfico. Diferentemente do *Imperador da crítica*, defensor de uma clivagem entre biografia (vista como história) e romance, Cavalheiro entendia o caráter híbrido da narrativa

[58] Idem, pp. 36-37.
[59] Idem, pp. 39-40.

biográfica moderna como uma de suas principais virtudes. Parecia concordar com Alceu Amoroso Lima.

O segundo biógrafo discutido por Edgard Cavalheiro foi Emil Ludwig, considerado pelo crítico como o *psicólogo da biografia*. Nesse aspecto, mesmo partindo da assunção de que havia pontos em comum entre textos assinados por Ludwig e os de autoria de Strachey, Cavalheiro conferiu maior destaque às diferenças. A primeira delas referiu-se ao papel do meio cultural e social na conformação da vida do biografado. Ludwig concederia menor importância aos fatores sócio-econômicos, sem desprezá-los totalmente. Assim, apostaria na força das individualidades biografadas e nas suas lutas contra o meio como forma de compreender as ações humanas[60].

Dessa diferença da técnica de construção do biografado, uma segunda seria derivada. Ludwig, segundo Cavalheiro, esteve convencido de que os sentimentos e emoções humanas seriam numericamente reduzidos, e, em determinadas situações, até mesmo previsíveis. Essa premissa levou Ludwig a desenvolver narrativas biográficas onde os leitores pudessem usufruir da impressão de estar sentindo *as mesmas dores e alegrias dos seus heróis*, posto que, afinal, a miséria humana possuiria um caráter universal. Nesse ponto, a lógica generalizadora de deduzir ações e percepções de seus biografados, em determinadas circunstâncias, minimizava o papel dessas últimas. Cavalheiro entendia como exagerada a perspectiva de Ludwig de julgar reações humanas - atitudes perante a morte, vitórias e derrotas - como previsíveis[61].

Os senões de Edgard Cavalheiro à metodologia de Ludwig não inviabilizaram o reconhecimento dos aspectos relevantes e positivos de seus trabalhos, sendo o mais significativo sua ênfase em *descobrir, por trás do gênio ou do herói, o homem com todos os seus traços de homem*[62]. Utilizando preferencialmente memórias, cartas, diálogos e retratos, Emil Ludwig se entendia como uma espécie de intermediário entre o biografado e o leitor. Sua mediação centrava-se numa tentativa de decifrar a psiquê humana. Nas suas próprias palavras, transcritas por Edgard Cavalheiro, *o que importaria seriam os impulsos do coração, nenhum fato histórico seria tão importante como o estado em que foi pensado, realizado ou sofrido*[63]. Valendo-se dos recursos da psicologia moderna, ao construir seus biografados, Ludwig

[60] Idem, pp. 43-45.
[61] Idem, p. 45-46.
[62] Idem, p. 46.

buscaria apresentá-los como um espelho onde cada leitor pudesse identificar reflexos e reflexões.

Haveria, contudo, nos trabalhos de Ludwig, uma falha: a ausência de referências documentais e bibliográficas, a inexistência de menções aos autores de informações e de juízos acerca do biografado. O efeito prejudicial dessa escolha, na opinião de Cavalheiro, seria a total predominância da fala do biógrafo sobre o protagonista da narrativa biográfica.

Emil Ludwig buscaria humanizar seus heróis, almejando, e nem sempre conseguindo, obter *a mais perfeita verossimilhança psicológica de um romance*, somada à *precisão histórica de um diário íntimo*[64]. Reconhecimentos à parte, diríamos que, nas apreciações de Cavalheiro sobre os trabalhos de Ludwig, predominariam os senões, sendo o maior deles o efeito da estandardização, perceptível na enormidade de semelhanças entre almas e caracteres de seus biografados. Assim,

> *(...)Lincoln, Napoleão, Bismarck, Michelangelo, Rembrandt, Beethoven, Jesus como que são irmãos. Há um certo ar de família entre eles, um fio secreto a ligá-los.*[65]

As maiores apreciações de Edgard Cavalheiro, em quantidade e ênfases elogiosas, no seu texto *Biógrafos e Biografias*, foram concedidas a André Maurois. Apresentado em associação à biografia romanceada, o autor francês parecia, notoriamente, ter feito mais pelo gênero do que o próprio Strachey. Cavalheiro carregava nas cores de sua avaliação:

> *Poucos nomes da literatura universal, em nosso tempo, terão alcançado popularidade tão intensa como a conseguida pelo autor da mais deliciosa de todas as biografias romanceadas até agora escritas. Referimo-nos a "Ariel" ou "Vida de Shelley", e a seu autor, André Maurois. Embora esse volume somente tenha surgido sete ou oito anos depois de "A Rainha Vitória" e dois ou três de "Goethe", deve a literatura contemporânea o surto de biografias que, num certo momento, pareceu constituir preocupação máxima de autores e leitores de quase todas as partes do mundo (...)*[66]

[63] Idem, p. 49.
[64] Idem, p. 55.
[65] Idem, p. 54.
[66] Idem, p. 59.

Edgard Cavalheiro explicava a causa do prestígio internacional de Maurois não só por "Ariel" representar uma espécie de obra prima no gênero biografia romanceada, mas, acima de tudo, devido ao fato de ter sido redigida em francês, *o magnífico instrumento de cultura*, que, até poucos anos, havia sido *o veículo principal para a difusão de novas formas estéticas ou de novas idéias literárias, filosóficas ou científicas*. Nesse ponto, os argumentos de Edgard Cavalheiro, sobrepuseram a relevância da obra de Maurois ao seu pertencimento emblemático a um fundador e civilizador *espírito francês*. No caso do Brasil, a dívida era imensa, posto que, por intermédio da literatura francesa, *nossos homens de cultura* haviam se formado intelectualmente[67].

Sem necessariamente ter sido pioneiro na promoção de renovações significativas no gênero biográfico, André Maurois foi o primeiro a estabelecer contatos entre um público mais vasto e as inovações inauguradas por Lytton Strachey, na arte de escrever biografias. Para Edgard Cavalheiro, André Maurois

> *(...) avançava um pouco mais longe do que o equilibrado e honesto inglês que retratara tão humanamente a Rainha Vitória. Dava à biografia um cunho romanesco, de poema ou balada, sem tentar ocultá-lo ou disfarçá-lo. Não ia ao ponto de abolir a nota bibliográfica para o leitor curioso, mas tinha coragem de se confessar ao leitor benévolo (...)*[68]

Edgard Cavalheiro avaliava que "Ariel" havia realizado, com felicidade, a despeito da polêmica suscitada, aquilo que Maurois anunciara: *obra de romancista bem mais que de historiador ou crítico*. A assunção do caráter romanceado acendeu discordâncias, fomentando também críticas desqualificadoras de estratégias que poderiam comprometer o caráter documental que uma autêntica narrativa de vida deveria preservar. Encontramos aqui o principal motivo que levara Álvaro Lins a criticar os efeitos da obra de Maurois, traduzidos no que ele, pejorativamente, denominou de *literatura industrial*.

Entre aplausos e detrações de um estilo nascente de fazer biografias, Edgard Cavalheiro situou as conferências proferidas por Maurois, no Trinity College, em Cambridge, em 1928, posteriormente publicadas sob o título de *Aspectos da Biografia*. Segundo Cavalheiro, nessas conferências o autor francês emoldurou seu libelo, seu auto de defesa, e

[67] Idem, pp. 59-60.
[68] Idem, p. 60.

Digitalização: Silvio Tamaso D'Onofrio

nisso elaborou reflexões de enorme relevância acerca de seu método biográfico, além de um panorama contextualizador da emergência de uma biografia moderna.

Para Cavalheiro, o Trinity College havia sido uma escolha perfeita, pois fora em solo inglês, sob os auspícios de Strachey, que a biografia havia sido colocada em xeque na forma como até então havia predominado – os grossos panegíricos, pouco fiéis à humanidade de seus protagonistas. Maurois, nesse sentido, dialogava em terreno propício, ousando sistematizar idéias em estreita conexão com Lytton Strachey e seu Bloomsbury Group.

A essa altura de suas indagações, Edgard Cavalheiro tomou como suas as principais questões que nortearam as conferências proferidas por Maurois: existiria uma biografia moderna? Seus métodos seriam legítimos? Em que medida ela seria uma forma literária diferente da biografia tradicional? A biografia deveria ser considerada uma arte ou uma ciência? Poderia ser, como o romance, um modo de expressão, tanto para o biógrafo, quanto para o leitor?

Ao apresentar as reflexões de Maurois, anteriormente por nós já discutidas, Edgard Cavalheiro, acrescentou uma ou outra idéia, no mais das vezes, no intuito de corroborar as idéias do autor francês. Concordou, assim, com a existência de uma biografia moderna, em mais de uma característica diferente das "biografias vitorianas". Acrescentou que, nas biografias modernas, uma das marcas fundamentais seria a humanização de seus protagonistas, fato, que acima de quaisquer outros, garantiria a extensão pedagógica dessas novas biografias. Em socorro a seus argumentos, e na intenção de frisar que as idéias de Maurois eram partilhadas por outros homens de letras, Edgard Cavalheiro citou Walt Whitmann. Para o poeta norte-americano, o biógrafo que desejasse elevar seu herói não omitiria uma carta de amor escrita em momento de debilidade ou ocultaria mudanças de atitude ou de doutrina de seu biografado[69].

Edgard Cavalheiro valorizou também a perspectiva de Maurois de não imputar características prévias ao biografado. Adequando-se às expectativas de homens modernos, as biografias deveriam expor o biografado como um homem fragmentado, partido por apreensões e incertezas de naturezas diversas, acima de tudo, passíveis de serem compreendidas por leitores em busca de irmãos de inquietude.

[69] Idem, pp. 62-63.

Para Edgard Cavalheiro, se havia relevância nas formulações de André Maurois, restava verificar até que ponto o autor francês conseguira oferecer, aos inquietos leitores do alvorecer do século XX, a leitura por eles ambicionada e procurada. Nesse sentido, a verificação proposta vinha ao encontro das indagações do quanto a narrativa biográfica poderia converter-se em um modo de expressão para os anseios dos leitores. Cavalheiro avaliava que, especialmente em "Ariel", Maurois havia seguido o que posteriormente veio a ser apresentado como conjunto de regras e procedimentos para a escrita de uma biografia moderna. Na verdade, a coerência entre as proposições metodológicas de Maurois e o seu fazer biográfico eram muitas, até porque, no jogo de derivações e justificativas, as primeiras nasceram desse último.

Edgard Cavalheiro, ao refletir sobre as dimensões da biografia como um modo de expressão para o biógrafo, fez questão de diferenciar o significado dessa possibilidade para Maurois e para Emil Ludwig. Se esse último, como havia ponderado Cavalheiro, por vezes analisava seus biografados por meio de generalizações simplificadoras, projetando sobre o biografado o que parecia ser a sombra do biógrafo, Maurois afirmava categoricamente que o biógrafo não poderia construir seu protagonista segundo seus próprios desejos e necessidades; a possibilidade do biógrafo expressar-se era limitada pela elaboração de uma narrativa verossímil quanto às experiências de vida do biografado.

Ao fim de suas análises sobre a obra de Maurois, Edgard Cavalheiro deslocou o tom elogioso de suas apreciações. Se o biógrafo moderno devesse assentar seu ofício sobre um tríptico – romance, história, psicologia -, Maurois, em algum aspecto deixava a desejar:

> *Sendo um bom observador da vida quotidiana e um historiador suficientemente honesto para merecer fé, talvez faltem a Maurois os dotes do agudo psicólogo, ou mais claramente, talvez lhe falte uma personalidade mais viva, mais marcante, mais incisiva. (...) Alguém já definiu Maurois como uma espécie de Voltaire do século XX, um Voltaire conformista que não gosta de complicações também com os seus heróis (...)*[70]

Talvez aqui pudéssemos identificar sintomas do conservadorismo democrático que Maurois confessou partilhar e que tanto havia encontrado na biografia de Disraeli, por ele assinada.

[70] Idem, pp. 69-70.